



CORPOS VIOLENTADOS NO PERÍODO ESCRAVOCRATA

Ana Maria Leal de Lima Marschall

Professora da rede pública em Campo Bom

Juracy Assmann Saraiva

Professora Visitante na UFGRS/CNPq

Daniel Conte

Universidade Feevale/CNPq

Resumo: O artigo investiga os aparelhos utilizados no período da escravidão, no Brasil, como forma de “correção” ou de castigo físico dos escravos. Parte da leitura do conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis, detendo-se na passagem em que o narrador cita alguns desses aparelhos e na caracterização da personagem principal da trama, Cândido Neves, um caçador de escravos fugitivos. O artigo tem por objetivo refletir sobre as atrocidades do período escravocrata no Brasil, à luz de teóricos como Lília Moritz Schwarcz, Heloisa Starling, Darcy Ribeiro, entre outros, para denunciar atrocidades do passado que, ainda, encontram eco no presente.

Palavras-chave: Machado de Assis; Conto; Escravidão; Aparelhos de tortura.

Abstract: This article investigates the devices used during the slavery period in Brazil as a form of “correction” or physical punishment of slaves. It begins with a reading of the short story “Pai contra mãe” by Machado de Assis, focusing on the passage in which the narrator mentions some of these devices and on the characterization of the main character in the story, Cândido Neves, a hunter of runaway slaves. The article aims to reflect on the atrocities of the slavery period in Brazil, in the light of theorists such as Lília Moritz Schwarcz, Heloisa Starling, Darcy Ribeiro, among others, in order to denounce atrocities of the past that still find echo in the present.

Keywords: Machado de Assis; Short Story; Slavery; Torture Devices

Introdução

Os aparelhos utilizados durante o período da escravidão no Brasil, como forma de castigo físico dos escravos com o intuito de corrigi-los ou de admoestá-los demonstram a bestialidade de comportamentos humanos, sustentados por normas legais. Esses instrumentos, que ferem o cerne da humanidade, são rememorados pelo narrador de “Pai contra mãe”, conto de Machado de Assis, que, em um tom sarcástico, denuncia a reificação de indivíduos, transformados em mercadoria, e os instrumentos de tortura utilizados para alcançar a submissão deles.

O conto faz parte de *Relíquias de Casa Velha*, publicado em 1906, e centraliza-se em Cândido Neves, que não permanece em emprego algum, devido à inaptidão para ofícios que lhe são apresentados e à sua falta de persistência. Sem posses, assume a condição de caçador de escravos fugitivos para manter a esposa Clara, costureira de ofício, e a Tia Mônica, que criara a sobrinha e a auxilia em seu trabalho. Clara engravida e, diante da miséria em que vivem, Tia Mônica sugere que a criança seja abandonada na roda dos enjeitados. O pai, inicialmente, não aceita a ideia, porém um dia após o nascimento sai com o menino para levá-lo à roda. É quando avista uma escrava fugitiva que lhe valeria alta recompensa. Intempestivamente, Cândido Neves deixa o menino em uma farmácia e vai em busca da escrava. Ao encontrá-la, descobre que ela está grávida, mas, ignorando suas súplicas, leva-a até seu dono. Na porta da casa do proprietário, a escrava, debatendo-se em desespero, aborta a criança. Ignorando os fatos, Cândido Neves busca o filho, que deixara aos cuidados do farmacêutico, leva-o de volta para casa e alivia um breve instante de remorso com o seguinte pensamento “Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração” (Assis, 1986, p. 667). No início da narrativa, o narrador cita, de forma introdutória, aparelhos que haviam sido usados no período da escravidão, afirmando que o faz com o objetivo de situá-los em relação ao ofício de Cândido Neves, ofício também inexistente no momento da enunciação: “A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício” (Assis, 1986, p. 660).

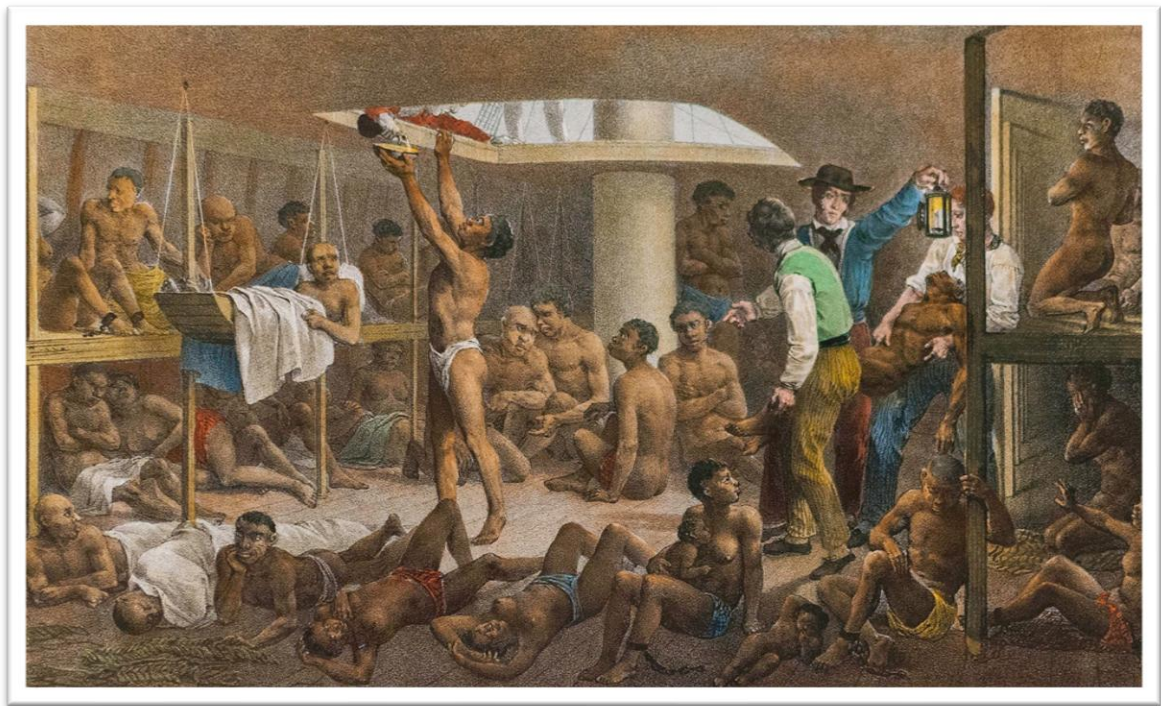
O conto “Pai contra mãe” é uma ácida denúncia contra a escravidão, e essa se concretiza não só pela história de Cândido Neves, mas também pela especificação dos objetos de tortura usados no Brasil e mundo afora. Identificar a circulação desses

instrumentos, com base em elementos ficcionais e históricos, é um modo de refletir sobre a desumanidade de seu uso.

A escravidão dos africanos no Brasil

A chegada dos primeiros africanos no Brasil aconteceu por volta de 1550, pelo tráfico negro, para suprir à demanda dos portugueses por trabalho braçal, principalmente nas lavouras. Um povo que aqui chegou tratado como se não tivesse história e fosse somente um corpo físico a serviço dos senhores do engenho.

Figura 1 - O tráfico negro



Fonte: RUGENDAS, Johann Moritz. *Negres a fond de calle*, 1830.

A litografia de Rugendas reproduz as condições da viagem do tráfico negro, que se estendeu por três séculos e foi responsável pelo desembarque de quase cinco milhões de africanos no Brasil. A escravatura foi marcada pela desumanização, mas foi considerada um negócio lucrativo para aqueles que se envolviam com a venda de escravos vindos da África e contava com o apoio dos proprietários de terras e até mesmo de membros da Igreja Católica, que compreendiam o trabalho nos trópicos como uma

espécie de expiação de senhores e de escravos:

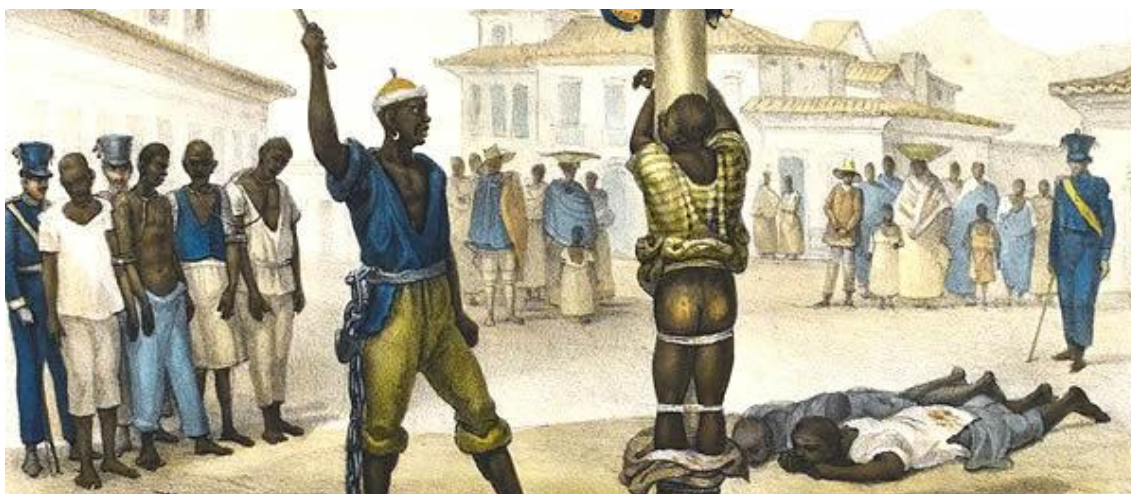
O discurso proferido pela Igreja e pelos proprietários entendia tal trabalho árduo como uma atividade disciplinadora e civilizadora. Havia inclusive manuais — verdadeiros modelos de aplicação de sevícias pedagógicas, punitivas e exemplares — que instruíam, didaticamente, os fazendeiros sobre como submeter os escravizados e transformá-los em trabalhadores obedientes. (Schwarcz ; Starling, 2015, p.92).

A atividade diária dos escravos era exaustiva e eles ficavam horas debaixo do sol inclemente, o que já era uma espécie de punição física para os corpos, mas como se isso não bastasse, vinham ainda os castigos físicos. Thomas Ewbank, um cientista e desenhista inglês que, em 1846, permaneceu seis meses na cidade do Rio de Janeiro, registrou em seu diário os maus tratos que eram infligidos aos escravos:

Um português residente nas vizinhanças tem uma fama de ser extraordinariamente cruel para com seus escravos. Um destes vai buscar água 3 ou 4 vezes por dia, com um colar de ferro e um forcado reto em uma orelha e outro mais curto em outra. Lá vem ele novamente e em seguida um rapaz que não pode contar com mais de 12 anos, pertencente ao mesmo senhor e usando instrumentos semelhantes, com um forcado por trás da cabeça (Ewbank, 1976, p. 67).

Os castigos eram os mais variados, indo dos menos duros e de uso mais frequente aos da mais pura crueldade, que serviam para dar exemplo aos escravos mais afoitos. Dentre os castigos mais comuns constavam o “açoite” e o “tronco”.

Figura 2: Escravo sendo castigado em praça pública

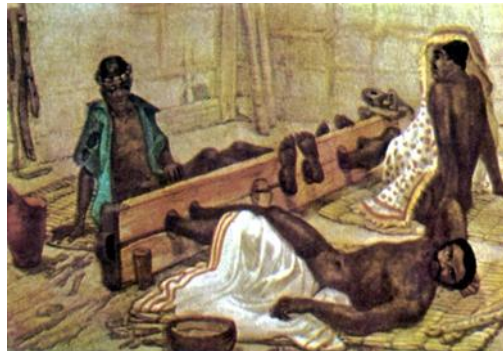


Fonte: DEBRET, Jean Baptiste. Castigo de escravo que se executa nas praças públicas. 1826.

O “açoite” foi um dos castigos mais aplicados aos negros do país durante o período da escravidão. Nesse castigo, os algozes feriam a pele da vítima com o uso de

chicotes, feitos de tiras de couro retorcidas com nós, em cuja ponta colocavam pedaços de ferro ou outros objetos. Os açoites eram utilizados para punir pequenas faltas ou acelerar o ritmo do trabalho.

Figura 3 - Negros presos ao tronco



Fonte: FRÈRES, Thierry. Nègres ao tronco, 1835.

O tronco era um instrumento de tortura e de humilhação, usado no Brasil e também em outros países. A ilustração da figura 3 mostra o castigo do aprisionamento ao tronco: presos a dois pedaços de madeira sobrepostos, os escravos ficavam suscetíveis aos ataques de ratos e insetos e em contato com suas próprias fezes e urina. Permaneciam isolados até a ordem de soltura dada pelo capitão ou pelo feitor.

Figura 4 – Algema com chave modelo Viramundo



Fonte: Casa do Velho, [2021?].

Outro instrumento de suplício, semelhante ao tronco, era chamado de “viramundo” (Figura 3). O instrumento de ferro fundido tinha um tamanho menor que o do tronco, porém atendia à mesma finalidade de prender os pés e as mãos dos

escravos. Com o corpo flexionado sobre as pernas, o escravo ficava preso pelos pulsos e pés: o pé direito era preso à mão esquerda e o pé esquerdo à mão direita, deixando o escravo em uma posição insustentável por vários dias.

Figura 5 – Açoite



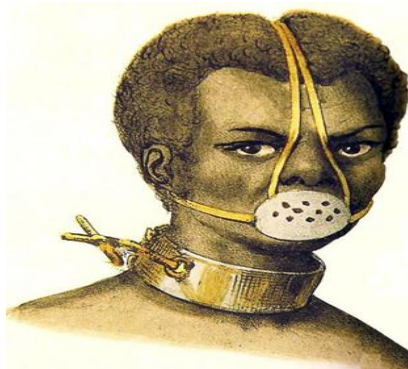
Fonte: ALVES, Ariane. História noutra face, 2010.

Lilia Schwarcz e Heloísa Starling enumeram as formas de punição impostas aos negros e seu objetivo de assinalar o ilimitado poder do senhorio:

Punições públicas, o tronco exemplar, a utilização do açoite como forma de pena e humilhação, os ganchos e pegas no pescoço para evitar as fugas nas matas, as máscaras de flandres para inibir o hábito de comer terra e assim provocar o suicídio lento e doloroso, as correntes prendendo ao chão; construiu-se, no Brasil, uma arqueologia da violência que tinha por fito constituir a figura do senhor como autoridade máxima, cujas marcas, e a própria lei, ficavam registradas no corpo escravo. (Schwarcz; Starling, 2015, p.91).

A “máscara de Flanders”, segundo o narrador do conto “Pai contra mãe”, “fazia perder o vício da embriaguez, aos escravos, por lhes tapar a boca” (ASSIS, 1986, p. 660). Era feita com uma chapa de aço e podia cobrir o rosto ou somente a boca; a parte do ferro ficava entre a língua e a mandíbula e nela havia um cadeado que a trancava por detrás da cabeça, conforme ilustra a figura 6:

Figura 6 – Máscara de Flandres



Fonte: ARAGO, Jacques Etienne. Castigo de escravo, 1839.

Usada para cercear os escravos durante o plantio nas lavouras de café e cana de açúcar e nos espaços de mineração, a máscara servia para evitar que os escravos comessem das plantações e engolissem pepitas de ouro nas minas. A máscara, ao cobrir a boca do escravo, torturava-o, causava-lhe medo, subjugava-o e, a partir da dominação física, avançava para a dominação no campo simbólico e psicológico, uma vez que a boca é o meio pelo qual o ser humano se expressa, por onde responde e expõe suas ideias e opiniões.

Conforme Schwarcz e Starling, os castigos eram planejados de forma que nada passasse impune aos olhos dos senhores dos escravos. Elas acrescem que, além da violência física, a violência simbólica se estabelecia, revelando-se nas marcas permanentes dos corpos. Contudo, o excesso de castigos e sua brutalidade contribuíram para ampliar as vozes que se mobilizavam contra a escravidão e geraram um ato legal, cuja eficácia, porém, não pode ser comprovada:

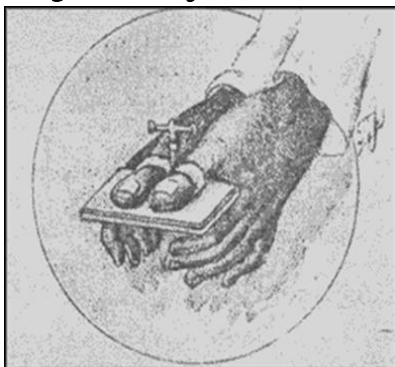
No dia 15 de outubro de 1886, o Parlamento brasileiro aprovou a criação de uma lei que aboliu a aplicação da pena de açoites em escravos. A nova norma legal revogou o artigo 60 do Código Criminal e a lei de 10 de junho de 1835, na parte em que instituíam a sentença de açoites para os cativos julgados pelos tribunais do Império. Na prática isso significava que os escravos só poderiam ser condenados, a partir de então, às penas de prisão, prisão com trabalho, galés e de morte. Tratava-se, assim, de uma medida que diminuía as distâncias entre as normas criminais voltadas para os escravos e aquelas destinadas aos livres no contexto de desmantelamento do escravismo. O fim da pena de açoites, contudo, não representava a extinção do castigo senhorial, segundo buscaram esclarecer os parlamentares quando da aprovação daquela lei. (Pirola, 2017, p.1).

A corrente de pescoço ou o ferro no pescoço era um aparelho grande e pesado com correntes de ferro que prendiam os escravos pelo pescoço para evitar fugas. Esse método era usado principalmente durante o transporte entre regiões e causava dor,

desconforto e sufocamento, levando às vezes até a morte. “O ferro no pescoço era aplicado aos escravos fujões. [...] Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal”. (Assis, 1986, p. 660).

Outros exemplos de aparelhos de tortura do período escravocrata que estão guardados em museus, pouco visitados pela população, são os “anjinchos nos dedos”, as “gargalheiras e o “cepo”. Conforme a figura 7, os anjinchos eram instrumentos de suplício que prendiam os polegares das vítimas em dois anéis, que eram comprimidos gradualmente por intermédio de uma pequena chave ou parafuso.

Figura 7 – Anjinchos nos dedos



Fonte: LIMA JÚNIOR, História da escravidão em Alagoas.

As gargalheiras (vide figuras 8 e 9) eram uma espécie de colar de ferro com hastes em forma de gancho, usado no pescoço, que não permitia o contato físico próximo com outras pessoas.

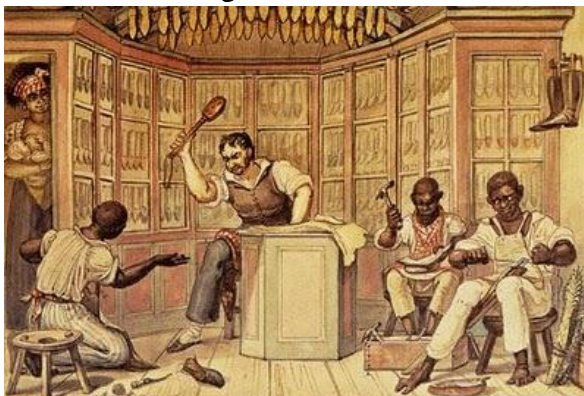
Figura 8 e 9 – Gargalheira com hastes e sino polaque e Gargalheira com hastes



Fonte: Site Antiquidades Casa do Velho [2021?].

Outro instrumento para punir e coagir era a palmatória de madeira, com que se aplicava o “bolo” (Figura 10), castigo que consistia em bater na mão dos escravos, chegando até mesmo a destruí-las. Debret deixa o registro desse ato de violência, cometido contra um escravo artesão, enquanto outros observam discretamente a cena.

Figura 10 – Bolo



Fonte: DEBRET, Jean Baptiste. Loja de sapateiro, s/d.

Também as marcas de identificação faziam parte da estrutura de dominação, e o doloroso método não era usado só como castigo, mas também para identificar a “propriedade” de cada senhor. Assim, com ferro em brasa, os encarregados pelo proprietário marcavam diferentes partes do corpo dos escravos, como a palma da mão, as nádegas, o abdômen, transferindo-lhes o estatuto de objeto, de coisa disponível para o uso de alguém.

Referindo-se ao processo de desumanização impingido aos escravos, Darcy Ribeiro afirma que

A empresa escravista, fundada na apropriação de seres humanos através da violência mais crua e da coerção permanente, exercida através dos castigos mais atrozes, atua como uma mó desumanizadora e deculturadora de eficácia incomparável. Submetido a essa compressão, qualquer povo é desapropriado de si, deixando de ser ele próprio, primeiro, para ser ninguém ao ver-se reduzido a uma condição de bem semovente, como um animal de carga; depois, para ser outro, quando transfigurado etnicamente na linha consentida pelo senhor, que é a mais compatível com a preservação dos seus interesses. (Ribeiro, 1995, p.118).

De acordo com Ribeiro (1995), toda forma de violência estava atrelada aos interesses de um povo com quem os negros não se identificavam, por isso viviam uma anomalia quanto à sua identidade e à sua cultura. Eles não tinham vida própria, pois só existiam para os outros, impulsionados por motivações externas, moralmente

degradados e fisicamente desgastados. O autor complementa, declarando: “homens como bestas de carga e mulheres como fêmeas animais” (Ribeiro, 1995, p.117).

Os escravos se dividiam entre os que trabalhavam nos engenhos, com jornadas estafantes, e os que povoavam as casas grandes, onde viviam as famílias dos senhores. Os escravos domésticos desempenhavam seus ofícios como cozinheiras, babás, camareiras, pajens, entre outros. As mulheres acompanhavam as rotinas da residência no dia a dia e sofriam com o abuso dos senhores.

Padecer com a arbitrariedade e o abuso dos senhores era moeda corrente, e mulheres escravizadas não poucas vezes foram vítimas do sadismo deles. Seu corpo não era apropriado apenas como produtor de riqueza, mas também como instrumento de prazer, gozo e culpa no caso dos proprietários, e de ódio, por conta dos ciúmes das senhoras. [...] Conforme escreveu Antonil, os escravos eram tratados com três PPP, a saber: pau, pão e pano. Os senhores brancos sabiam ser minoria e tinham consciência de que só sob um clima de medo premeditado poderiam controlar seus cativos. (Schwarcz; Starling, 2015, p.93).

Havia, ainda, outro tipo de violência, a violência contra as escravas negras que serviam de cobaias para experiências ginecológicas, aplicadas cruelmente sem anestesia, na crua carne dessas mulheres. Conforme Ana Patrícia Wisniewski, um médico americano, James Marion Sims (vide Figura 11), considerado, hoje, o pai da ginecologia, fazia experimentos em escravas, transformadas em cobaias:

O médico operou mulheres negras por mais de quatro anos sem a utilização de anestesia, em um ambiente com condições antissépticas inadequadas. Uma destas mulheres foi operada pelo menos trinta vezes, todas sem a utilização de qualquer método que inibisse a dor, muito embora este tipo de medicação já existisse na época. [...] Estas cirurgias – realizadas mediante o sofrimento e a dor das mulheres negras daquela época – permitiram a evolução dos procedimentos que hoje são utilizados ao redor de todo o mundo pelos médicos ginecologistas no trato de suas pacientes. A experiência serviu também para que o médico pudesse aperfeiçoar sua técnica e, somente depois, aplicá-la, de modo confiável e indolor, às mulheres brancas (que podiam pagar). (Wisniewski, 2013, p.1).

Figura 11 – Sala de cirurgia com Dr. Marion Sims, ginecologista



Fonte: Blog Núcleo de Direitos Humanos Unisinos (2020)

Sims realizou seus experimentos por volta dos anos de 1850, e a violência exercida por ele não foi denunciada, garantindo-lhe, ao contrário, a fama de notável ginecologista. Por essa razão, defende-se a ideia de que

Não há escravidão boa ou má, portanto não há escravidão melhor ou pior. Sempre e em qualquer lugar ela gera o sadismo, a rotinização da violência e a perversão social. [...] No entanto, a luta pela liberdade sempre foi um desejo e um objeto perseguidos pelos escravizados. Se os senhores na maior parte das vezes manipulavam a situação recorrendo a sevícias e castigos de toda sorte, em alguns momentos distribuíam incentivos positivos – prometendo dias livres ou até mesmo manumissão. (Schwarcz; Starling, 2015, p.97).

Dias longos, sombrios, dolorosos, sobretudo desumanos, viveram os escravos por mais de trezentos anos e, como mostram as autoras de *Brasil: uma Biografia*, foram acima de tudo fortes, resilientes e perseverantes. Os castigos deixaram marcas, mas a esperança de dias melhores abriu caminho para a abolição e para o início de outras páginas da história.

Considerações finais

Em seu livro *Escravidão em Alagoas* (s/d), Félix Lima Júnior relata que, desde que o primeiro negro desembarcou de um brigue no Brasil, os castigos impostos aos escravos foram sempre os mesmos: tronco, marca de ferro quente, gargalheiras, grilhões, colares de ferro, açoites, surras, bolos, anjinhos, máscaras de Flandres, cortes de orelhas, de seios, extração de dentes.

Lançando um olhar sobre essas atrocidades, ainda muito próximas a seu tempo, Machado de Assis dá forma a uma denúncia por meio da narrativa “Pai contra mãe”, que retrata a crueldade do ser humano em sua luta pela sobrevivência, a qual o leva a atrocidades como a da captura de escravos em fuga. Por meio da ficção, o escritor traz à tona episódios da história do Brasil, cujo conhecimento pode levar à compreensão da dor do povo negro que, até hoje, luta para o reconhecimento de seu lugar na nação brasileira.

O período escravocrata no Brasil foi, sem dúvida, um tempo de sofrimento, humilhação e desesperança, e o conhecimento dessa parte da história do Brasil é necessário para que se perceba que a erradicação de instrumentos de tortura e de castigos físicos não eliminou preconceitos. Assim, um movimento de integração dos homens de

cor à sociedade brasileira e sua valorização é um ato de justiça e uma forma de retribuir as conquistas econômicas e a inestimável contribuição cultural que eles legaram ao país.

REFERÊNCIAS

- AÇOITE. In: ALVEZ, Ariane. *História noutra face*. S.l, 2010. Disponível em: <http://historianoutraface.blogspot.com/2010/08/o-traffic-negro-representou-uma.html>. Acesso: 21/01/2021.
- ALGEMA com chave modelo Viramundo. In: Antiguidades Casa do Velho, s.l, [2021?]. Disponível em: <https://www.casadovelho.com.br/1f30ba/algema-com-chave-modelo-viramundo-para-punhos-e-tornozelos-usada-para-castigar-escravos-original-do-seculo-xix>. Acesso: 21/01/ 2021.
- ANJINHOS nos dedos. In: LIMA JÚNIOR, Félix. *História da escravidão em Alagoas*. S.l, s/d. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/escravidao-em-alagoas-e-os-escravos-castigados.html>. Acesso: 21/01/2021.
- ARAGO, Jacques Etienne. *Castigo de Escravo*, 1839. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Jacques_Etienne_Arago_-_Castigo_de_Escravos,_1839.jpg.
- ASSIS, Machado de. “Pai contra mãe”. In: *Machado de Assis: obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1986, v.2. p. 659-667.
- DEBRET, Jean Baptiste. Castigo de escravo que se executa nas praças públicas. 1826. In: DEBRET, Jean Baptiste. *O Rio de Janeiro de Debret*. Museu Castro Maya: Rio de Janeiro, 2015. (Coleção Castro Maya)
- DEBRET, Jean Babtiste. Loja de sapateiro, s/d Disponível em: <https://www.netmundi.org/home/wp-content/uploads/2019/02/Loja-de-sapateiro-de-Jean-Baptiste-Debret.jpg>. Acesso: 21/01/2021.
- FRÈRES, Thierry. Nêgres ao tronco, 1835. In: *Brasiliana Iconográfica*. Disponível em: <https://www.brasilianaiconografica.art.br/obras/17328/negres-ao-tronco>. Acesso : 21/01/2021.
- GARGALHEIRA com hastes. In: Casa do Velho Antiguidades. S.l., [2021?]. Disponível em: <https://www.casadovelho.com.br/1f3ac9/gargalheira-com-hastes-instrumento-de-contencao-e-castigo-de-escravos-original-do-seculo-xix>. Acesso: 21/01/2021.
- GARGALHEIRA com hastes e sino polaque. In: Casa do Velho Antiguidades. S.l, [2021?]. Disponível em: <https://www.casadovelho.com.br/1f3acb/gargalheira-com-hastes-e-sino-polaque-aparelho-de-contencao-e-castigo-de-escravos-original-do-seculo-xix>. Acesso: 21/01/ 2021.
- LIMA JÚNIOR, Félix. *Escravidão em Alagoas e os escravos castigados*. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/escravidao-em-alagoas-e-os-escravos-castigados.html>. Acesso: 21/01/ 2012.
- PIROLA, Ricardo F. *O castigo senhorial e a abolição da pena de açoites no Brasil: justiça, imprensa e política no século XIX*. São Paulo: s/ed., 2017. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/rh/n176/2316-9141-rh-176-a08616.pdf>> Acesso:02/12/2020.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- RUGENDAS, Johann Moritz. *Negres a fond de calle*, 1830. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Navio_negreiro_-_Rugendas_1830.jpg. Acesso: 21/01/ 2021.

SALA de cirurgia com Dr. Marion Sims, ginecologista. In: WISNIEWSKI, Ana Patrícia. *(In)Visibilidade Negra*. Blog Núcleo de Direitos Humanos. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2013. Disponível em: <<http://unisinos.br/blogs/ndh/2013/09/30/invisibilidade-negra/>>. Acesso:18/12/2020.

SCHWARCZ, Lília M.; STARLING, Heloísa M. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

WISNIEWSKI, Ana Patrícia. *(In)Visibilidade Negra*. Blog Núcleo de Direitos Humanos. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2013. Disponível em: <<http://unisinos.br/blogs/ndh/2013/09/30/invisibilidade-negra/>>. Acesso:18/12/2020.

Ana Maria Leal de Lima Marschall é Mestre em Processos e Manifestações Culturais pela Feevale, RS (2022); especialista em Alfabetização e Letramento, pela Faculdade Internacional Signorelli, RJ (2018); professora da rede pública do município de Campo Bom.

Juracy Assmann Saraiva é Doutora em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS); professora visitante no PPG em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na linha de pesquisa “Literatura, Sociedade e História da literatura”; é bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. E-mail: juracyassmannsaraiva@gmail.com

Daniel Conte é mestre em Literatura Comparada (UFRGS) e doutor em Literatura Brasileira, Portuguesa e Luso-africana (UFRGS). É professor, pesquisador e coordenador do PPG em Processos e Manifestações Culturais na Universidade Feevale e professor visitante no PPG-Letras da UFRGS, na linha de pesquisa “Pós-colonialismo e identidades”. É bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq.

Artigo recebido em 03/04/2025. Aprovado em 23/05/2025.